

A CAPITAL



PORTE
PAGO

Director: FRANCISCO DE SOUSA TAVARES

Director-adjunto: RODOLFO IRIARTE

PROPRIEDADE: E P N C EMP PUB DOS JORNAIS NOTÍCIAS E CAPITAL TV DO POÇO DA CIDADE, 26 • 1092 LISBOA CODEX • TELS 388593/328874 • END TELEG ACAPITAL • TELEX 12386

OS CÃES DA BALADA DA PRAIA

ALGUÉM ME TELEFONOU NAQUELE DIA. E deu-me a notícia arripiante e sinistra: o cadáver que aparecera na praia do Guincho era o corpo do capitão José Joaquim de Almeida Santos.

Dentro de mim fez-se um longo silêncio. A morte não coincidia com a imagem do capitão Almeida Santos.

Por FRANCISCO DE SOUSA TAVARES

Não coincidia com a força, a determinação, a coragem fria daquele homem duro, com o rosto esculpido como uma máscara inca, os olhos estreitos a fi-

(Continua na página 2)

OS CÃES DA BALADA DA PRAIA

(Continuação da 1.ª página)

tarem firme, a palavra persuasiva e lacónica, os gestos que cortavam o ar como uma faca.

Era difícil de compreender. Tanta pujança de vida, tanta energia resoluta e concentrada, tudo destruído numa tocaia feia, num assassinio de assinatura torpe, decerto feito à traição na calada da noite.

Nascera para mandar. Falava como chefe, como capitão que era. As suas mãos desenhavam a revolta, davam-lhe sangue e corpo, novidade e forma.

... Agora estava ali deitado na pedra fria do mármore. Secava uma vez mais a flor da esperança, virava sombra a luz da liberdade.

Ninguém o velava. Éramos dois ou três disfarçados de homem na floresta vigilante dos pides.

Parecia uma morte construída pela P. I. D. E. A mão que liquidara aquele homem fora armada nas alforjas sinistras em que se travava incessante o combate à liberdade.

Nada sabia ainda. Apenas sabia que o homem que quisera fazer quase sozinho o 25 de Abril (antes da carnificina de África) não morrera por acaso. A sua morte fora decidida e fora cumprida como um acto ritual necessário à defesa da besta do poder.

No dia seguinte, Almeida Santos foi sepultado no silêncio quase anónimo dos mortos que incomodam toda a gente. Havia um oficial apenas. Lembro-me que apareceu galhardo e nobre, fardado com condecorações e se perfilou numa continência larga. Apenas meia dúzila de pessoas seguiam o caixão. Era preciso esquecer Almeida Santos, era preciso, acima de tudo, matar Almeida Santos.

Uma mulher servira de instrumento à sua morte. Por causa dela fugira estupidamente da prisão, ajudado por três inconscientes e fiado em promessas vagas de uma clandestinidade financiada e heróica.

Eu sempre soubera que essa ilusão o iria perder. Tentei repetidamente dissuadi-lo da tentativa inútil e louca de forçar a liberdade. Ia colocar-se na situação de desertor, ia autoliquidar-se pela impaciência feroz de não querer aguardar o julgamento. A P. I.

D. E. sabia que ele fora a alma criadora da revolução falhada. Mas não tinha contra ele qualquer prova susceptível de o fazer reconhecer como culpado.

Era necessário perdê-lo. A isca era a mulher, o processo era contar com a sua impaciência e a sua bravura.

A fuga do forte de Elvas foi o acto fatal de perdição. Numa cavalcada tonta atravessou o País, com o aspirante, o cabo e a moça, para se refugiar, como gato escondido com o rabo de fora, numa quinta pertencente à família desta no Alto Minho.

Pacientemente, a P. I. D. E. aguardou ou inspirou o desenlace fatal. Tecnicamente era útil deixar correr o prazo de tempo necessário para ser considerado desertor e policialmente era vantajoso controlar as ligações que tivesse.

Estou pessoalmente convencido que desde Travanca, onde se situava a quinta, que a P. I. D. E. o seguia passo a passo. Quando alugaram a vivenda do Cacém — o Verde Pino — a polícia deve ter apertado o cerco e fomentado o desfecho do drama. Estou nisto em absoluto acordo com Cunha Leal, como aliás em quase todos os aspectos e juízos psicológicos sobre a tragédia. Bastará enumerar alguns factos: o aluguer da vivenda pela mão de Maria José, pessoa cujos passos eram sem dúvida vigiados pela P. I. D. E. A sua posterior (?) ligação com o chefe Boim Falcão. O total conhecimento que a P. I. D. E. tinha das relações de Maria José Maldonado Sequeira com o capitão Almeida Santos (ela passava os dias na Trafaria!), etc.

O papel de Maria José é por demais turvo: sobre o cadáver do homem que enlouquecera por sua causa, tornou-se rapidamente amante do assassino. Pretendeu inculcar como assassino Artur Cunha Leal e, posta em liberdade pela polícia, pretendeu aliciar-me a mim, que fora advogado de Almeida Santos, e com ele colaborara seis meses a organizar a revolução da Sé, para tomar o seu patrocínio, jogando com a minha ignorância de que fora ela que também o matara.

A história do assassinio de José Joaquim de Almeida Santos é uma história miserável de traição e de co-

bardia, seja qual for o estado de violência desesperada e até de paranóia em que ele transformara o seu sonho de uma revolução libertadora: isolado e perseguido como um cão, Almeida Santos era um homem com H grande, que não matava pelas costas, nem merecia ser abatido como uma rês no matadouro. Para sua desgraça foi atraído pela mulher que o seduzira como um louco, e assassinado a frio pelos seus companheiros de fuga. Um deles era um homem simples, talvez rude, com a miragem no salto da fronteira e meia dúzila de contos para singrar na França. O outro era o tipo acabado do intelectual comunistóide (estou convencido de que o P. C. P. nunca o quis como filiado), que em 1974, a seguir ao 28 de Setembro, arma em herói da revolução, a prender burgueses com ameaças de morte.

É triste, mesmo literariamente, que se queira construir à roda dessa triste figura uma espécie de auréola de desculpa, compreensão e quase aplauso justificante. O seu procedimento é inqualificável; uma fuga absurda e destituída de qualquer ponderação ou finalidade, um seguidismo apatetado que o faz vir de Travanca para o Cacém, não se percebe porquê nem para quê. E, finalmente, o crime, coarde e a sangue-frio, para tentar sair infantilmente de uma situação absurda. Parece que tudo se explica ao acabar na cama com a amante do capitão. Mas se era só isso não valia a pena tanto trabalho, tanto esforço e um assassinio pelo meio. Não é romântico, nem humano, nem idealista. O halali de Almeida Santos é sórdido e não há literatura que o lave, nem que consiga deturpar a verdade crua. Podem instituir-se prémios com destino prefixado, pode até transformar-se a vítima num assassino e o assassino em vítima.

Mas no areal da praia do Guincho ficou escrito na areia o acto final de uma tragédia que fica por escrever. A espantosa tragédia de um chefe duro como o aço, inteligente e pertinaz, aliciante e frio, um homem invulgar e perigoso, assassinado pela amante, pelo servidor e pelo amigo. Os cães da balada da praia.

FRANCISCO DE SOUSA TAVARES